

# A DESCARACTERIZAÇÃO EUFÊMICA DO LÉXICO “NEGRINHO” E A PASSAGEM DA POLIDEZ PARA A IMPOLIDEZ LINGUÍSTICA<sup>1</sup>

Ana Joelma Martins Alves<sup>2</sup>

**RESUMO:** Na literatura, o eufemismo é considerado como uma figura de linguagem que se propõe a minimizar o “peso” do sentido das palavras. Cientes de que a linguagem em uso obedece à regras sociais e que, por isso, muitas das palavras têm caráter polissêmico, neste artigo, buscamos analisar a descaracterização eufêmica da lexis “negrinho”, considerando que essa descaracterização transgride o paradigma polido adotado na sociedade. Nossa pesquisa baseou-se numa revisão teórica sobre temas como o tabu, o eufemismo, o racismo e a (im)polidez linguística. Nossa metodologia foi dividida em duas etapas, a primeira bibliográfica e a segunda exploratória e descritiva da expressão “negrinho” e suas variantes (neguinho (a)). Para atingir nosso objetivo foi preciso adotar uma abordagem interdisciplinar, para que pudéssemos entender o fenômeno. Observamos que alguns fatores são cruciais para determinar se há ou não descaracterização eufêmica de “negrinho”, são eles: o contexto, o grupo, o lugar de fala ocupado pelo falante e pelo sujeito nomeado, sua raça, o poder e a intimidade que ele tem com aquele o qual se dirige por “negrinho”. Dependendo da associação desses fatores, podemos compreender que a palavra “negrinho”, uma expressão de afetividade, pode ser portadora de conteúdo racista e, portanto, impolido, descaracterizando assim o eufemismo.

**Palavras-chave:** Eufemismo. Polidez. Impolidez. Racismo.

**ABSTRACT:** In the specialized scientific literature, the euphemism is considered a figure of speech that minimizes the negative sense of words. Aware that the language in use obeys social rules and that many words are polysemic, we aim to analyze the euphemistic decharacterization of the “negrinho” lexicon, considering that this decharacterization transgresses the polished paradigm adopted in society. Our research was based on a theoretical revision on topics such as taboo, euphemism, racism and politeness and impoliteness in language. Our methodology was divided in two stages, the first bibliographical and the second exploratory and descriptive of the expression "negrinho" and its variants (neguinho (a)). To achieve our goal we had to adopt an interdisciplinary approach so that we could understand the phenomenon. We observe that some factors are crucial to determine whether there is or not euphemistic decharacterization of "negrinho", they are: the context, the group, the place of speech occupied by the speaker and the named subject, his race, the power and the intimacy that he has with him which is addressed by "negrinho". Depending on the association of these factors, we can understand that the word "negrinho", an expression of affectivity, can be a carrier of racist content and, therefore, imputed, thus de-characterizing the euphemism.

**Keywords:** Euphemism. Politeness. Impurity. Racism.

## Introdução

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab).

<sup>2</sup> Aluna do quarto semestre do curso de Bacharelado em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab).

O artigo tem como principal objetivo analisar a descaracterização eufêmica da lexia “negrinho” e a passagem da polidez para a impolidez linguística a partir de uma perspectiva ideológica e psicossocial do racismo, tendo em vista a prática desta combinação, ou seja, o eufemismo presente nos discursos polidos e impolidos.

O eufemismo está presente na linguagem na forma de redução do peso semântico de um léxico ou expressão léxica, propiciando o surgimento de um enquadramento das palavras na construção de uma identidade própria de uma comunidade cujos valores e regras, quando infringidos, acabam por estabelecer tabus que podem estabilizar o convívio e padronizam as interações em prol da harmonia mútua.

A pesquisa tem início na identificação das estratégias de polidez e impolidez linguística como principal abordagem da comunicação, em comum acesso ao que podemos identificar na fala como minimização e deslocamento das expressões em determinadas interações, especificamente ao que se coloca como expressões de sentido ambíguo, ou seja, palavras que possam causar sentidos opostos. Assim, buscou-se verificar de qual modo estas constroem seus significantes baseado nos valores próprios do local onde se fala e para quem se fala. Os estudos delimitaram-se ao léxico “negrinho”, pelo qual buscou-se analisar bibliograficamente os aspectos aparentes ao seu uso nos diferentes contextos e de modo reduzido.

Afim de fornecer subsídios para a compreensão do que se mantém em torno destas questões (polidez, impolidez e eufemismo), resolveu-se propor neste artigo uma revisão bibliográfica sobre os temas a partir de uma perspectiva multidisciplinar, aspectos relevantes que tornam esse trabalho original dentro de sua área de interesse.

Deste modo, dividimos este artigo em duas partes, na primeira discutimos sobre os aspectos lingüísticos do eufemismo, mais especificamente do léxico negrinho, a partir dos estudos desenvolvidos por Kroll (1984), da polidez e impolidez por Leech (1983), Brown e Levinson (1987) e Culpeper (2011). Na segunda parte do estudo, por meio de uma pesquisa exploratória e descritiva, buscamos analisar o mesmo termo sob o ponto de vista da sociologia e da psicologia, mais especificamente com as investigações de Freud (1912) e Ribeiro (2017).

## **1. A (im)polidez e o eufemismo**

Antes de falar sobre a descaracterização eufêmica e como ela se instala nas estratégias de (im)polidez é necessário observar qual a relação entre o eufemismo e a polidez para buscarmos uma compreensão da sua mudança de sentido.

Para Grice (1982),

[...] os falantes atuam como jogadores, cada um ciente das regras do jogo conversacional, os jogadores devem atuar de modo claro e reconhecido por todos, do contrário seria impossível se comunicar, em outras palavras, seria um jogo, no qual não houvesse blefes ou trapaças (GRICE, 1982, p. 65, apud PAIVA, 2016, p. 18).

O autor propõe, então, um modelo de análise com base em máximas que deveriam, em tese, ser aceitas e compartilhadas pelos falantes.

Seu modelo ideal de comunicação foi bastante criticado e, com base nele, outros teóricos como Leech se propuseram a entender o porquê de as pessoas preferirem ser polidas ao invés de claras, relevantes etc. Tal como Grice, Leech (1983) buscou propor máximas que sugeririam os padrões de comunicação mais comuns entre sujeitos polidos, os quais levariam um falante a depreciar-se em função do outro, em vez da efetivação de uma ampla cooperação com fins de satisfação por ambas as partes como recomenda Grice em suas máximas. Nessa perspectiva, surge a proposta da polidez linguística.

De acordo com Paiva (2016, p. 23),

Leech (1983), assim como Grice, parte do pressuposto de que a interação é regida por regras, que variam segundo as metas comunicativas de seus interlocutores, mas desta vez, as regras são mais maleáveis no que tange a questão de que se fazem no momento da interação.

Mesmo concordando que os falantes atuam baseados em regras, Leech propõe que essas em dados momentos não são seguidas em um mesmo grau de intensidade, subtendendo que os falantes operam sob o princípio de polidez, o qual mostra que no processo de interação é preferível ser polido a ser informativo, ou seja a ideia do outro, da interação social pesa mais sobre as nossas escolhas que o próprio conteúdo a ser enunciado.

Segundo Kroll (1984 p.26), “O sentimento da polidez, da civilidade, do decoro, do respeito é uma das causas principais do eufemismo.” Ser cortês é um dos princípios da polidez e uma de suas principais significações, pois se entende que como indivíduo polido o foco estará sempre no outro, ou seja, em situações de rompimento da interação o falante deve depreciar-se em função do ouvinte, a fim de não ofendê-lo nem colocá-lo em uma situação de constrangimento. Assim, torna-se fácil compreender a associação do eufemismo como uma técnica de autoconservação de face, ao passo que exprime o desejo a não desestabilização do outro e a não desfronteirização dos limites de ambas as partes. Consideramos que o uso da empatia na comunicação, a partir da preocupação que o sujeito tem sobre como o outro está se sentindo, sinaliza não somente uma busca pela instauração de uma interação harmoniosa, como também demonstra que o sujeito enunciador também quer ser considerado como importante na interação, pressupondo que o outro o trate também de forma empática.

Diante disso, pode-se constatar que a face positiva do ser é construída a partir de suas escolhas e de seu próprio julgamento de atributos sociais que, se considerados aprovados por ele próprio, será adotado e usado como estratégia de aproximação ao outro, mesmo que estes valores ao se diferenciarem de outros cause a depreciação da face percussora do discurso.

Ao investigar o tema polidez, alguns estudiosos poderão formar suas teorias próprias pelas quais dão sentido às ações que antes não possuíam significados, uma delas é a noção de face construída pelos pesquisadores Brown e Levinson, que com base no conceito de face de Goffman (1978), apresentam uma versão duplicada: positiva e negativa, alegando que no processo interacional se usam de estratégias a fim de prevenir uma posterior ameaça a sua face para que assim não corra o risco de causar desequilíbrio a interação.

De acordo com Brown e Levinson (1978), a polidez linguística é um sistema complexo de estratégias realizadas verbalmente por todos os falantes racionais que buscam prevenir, minimizar ou distanciar-se de atos ameaçadores de face, responsáveis por gerar desequilíbrio na interação (PAIVA, 2016, p.65).

Em contrapartida, a impolidez linguística se refere a toda forma de depreciação do outro, ou seja, a não preocupação em ofender o outro, usando sempre de muita ironia, despeito e sarcasmo nas falas, invadindo o espaço do outro, sendo inconveniente e não se importando com as representações de face que venha adquirir devido a tais ações desestabilizadoras de comunicação.

Levando em consideração a importância da prevalência da harmonia na interação, existe um fluxo que se segue quando se realiza um ato ameaçador de face, ou seja, quando se peca quanto à linguagem proferida, acarretando, independente do que se escolha por argumento reparatório, uma outra ação que proponha-se a algo que interfira no espaço do outro e que faça surgir a possibilidade de manifestar culpa ou não, podendo assim reparar ou não a sentença.

Se o sujeito escolher manifestar-se com cautela e cuidar da face de seu interlocutor, usar discursos eufêmicos para demonstrar sua opinião, por exemplo, estará minimizando um ato que seria, em tese, um ato ameaçador de face? O uso do eufemismo como ação reparadora também é bem comum, considerando o fato que o falante escolhe não ser visto como irresponsável, mal educado dentre outras sentenças que fogem os valores aceitos por ele e pelo meio social em que vive, uma das formas mais utilizadas para se dirigir a algo ou alguém é por meio de pistas, estas próprias do campo compreensível da interação entre os falantes.

Assim, quando dirigir-se a alguém, é necessário que o falante reconheça o espaço emblemático que se estabelece e através disso busque padronizar uma linha singular de comportamento. As formas de tratamento que são usadas com um familiar são diferentes daquelas que se usa com um amigo. Minimizar a fala, usar contradições, ser irônico, usar metáforas e generalizar são estratégias comumente usadas nestas situações, cujos poder e familiaridade protagonizam importantes papéis na construção da interação.

A polidez linguística é um fenômeno debatido nos estudos das interações, “Ser polido significa expressar respeito em relação à pessoa com quem você fala, evitando ofendê-la.” (HOMMES,1990, apud PAIVA, 2016, p.18). Dito isso, o uso da (im)polidez não estando totalmente distante do conceito de polidez é notado em um outro tipo de perspectiva de discurso, pelo qual o locutor demonstra uma intenção divergente da harmonia, fazendo com que seu interlocutor, indiretamente ou diretamente, seja agredido verbalmente.

Agora que já sabemos como se surgiu a polidez seu significado e como se emprega, abordaremos ao que se refere às funções das expressões denotativas, descaracterização do eufemismo, ditos populares, pós-aderência em um determinado grupo, cujos valores que constituem um novo vocabulário próprio, passando estabelecer novos significados para seus termos e novos efeitos de sentido.

Esta nova configuração implica no manejo social e, por conseguinte, no manejo linguístico como formas de acesso e manutenção nos grupos sociais. Sendo assim, em um contexto do encontro de um participante de um grupo com alguém que pertence a outro grupo, um recém-chegado, por exemplo, que não tenha proximidade com o novo desconheceria as formas usuais como o eufemismo, podendo ele cometer gafes ao tentar imitar os membros mais antigos.

Brown e Levinson (1987) propõem em suas estratégias que se utilize do eufemismo como princípio de concordância na interação, considerando que o efeito de minimizar os léxicos que por si próprios teriam efeitos violentos, se distanciariam dessa ameaça e de possíveis discordâncias, mantendo assim a harmonia.

Nessas circunstâncias, manter a harmonia também requer dos falantes o conhecimento das normas do grupo, do seu papel no grupo, da situação, ou seja, usar meramente uma expressão linguística por considerá-la uma estratégia segura pode implicar na descaracterização dessa estratégia, pois seu efeito de sentido apresentou-se diverso daquele intencionado.

Desse modo, a descaracterização do eufemismo seria tomado como um ato de caráter impolido tendo por hipótese que a quem se fala não tenha preparação para compreender que aquilo que se minimizou o peso pode atuar como uma agressão.

## 2. O eufemismo

Na língua portuguesa, o eufemismo se caracteriza pelo uso da figura de linguagem como mecanismo cuja principal função é suavizar uma palavra ou expressão que possa ser interpretada como rude ou desagradável, deste modo todos os termos considerados impróprios pelas proibições, valores atribuídos socialmente, que são responsáveis por determinar o que pode e o que não pode ser falado para manter a moral, devem ser ocultados da língua.

Kroll (1984) propõe que as inúmeras amostras de expressões usadas para não tocar no termo exato, se formam pelo temor natural, impedindo o emprego do tabu associado. Nessa posição, o eufemismo transfigura-se na figura de linguagem, que será colocada como substituta da palavra em si, para descentralizar o significado e neste ponto fazer bivalência de seus sentidos, tendo como principal objetivo alcançar meios de desvincular uma carga negativa do dito cujo, buscando transferir a sentença da melhor forma para o seu interlocutor.

Podemos dizer que as palavras ativam dois tipos de representação, no mínimo. O primeiro seria o significante e o segundo o significado e sua fusão daria a luz ao conceito de signo, definido por Saussure (1991). Este signo parte de um processo cognitivo na relação do homem com o mundo, que realiza uma associação destas imagens direta a sua real representação no todo, a palavra tem por si a necessidade de se fazer objeto, mesmo que esta não atenda as possibilidades do dizer de cada indivíduo.

A despeito disso subentende-se que qualquer palavra que desperte uma ambivalência de sentidos será substituída por meio do eufemismo por uma outra, que mesmo que por referência lembre a coisa, mas não se justifica por ela, pode-se ter como exemplo a expressão popular “amigo da onça” que por não ter nexos lógicos, uma pessoa manter laços afetuosos de amizade com um animal selvagem, cumpre o papel de nos transferir uma mensagem moral, pela qual em determinadas ocasiões de vínculos entre pessoas exista a trapaça por parte de um dos envolvidos e que por isso deve-se estar alerta.

Com relação ao eufemismo da cor, quando se dirige a fala a uma pessoa negra é “natural” o uso dos termos: mulata (termo utilizado para definir os filhos mestiços das negras com seus padrões e pejorativo a palavra mula), parda (próprio aos mestiços), cor do pecado (que estigmatiza a mulher negra a uma figura promíscua), moreninha(o) dentre outras nomenclaturas dadas substitutivas. A cor é eufemizada e minimizada em função de “não ofender o outro”, mas qual significado que a cor carrega? Ser negro é ofensivo? Por quê? Para quem? Como acontece

a reafirmação do negro na figura de outro que é lhe dado? Por qual meio é postulado está transferência verbal do léxico?

O uso da figura de linguagem para distanciar-se de um possível constrangimento e rompimento da fluidez do diálogo aponta para uma preocupação com uma verdade que nem sempre será de total aprovação e por isso não deve ser revelada, um tabu linguístico, cuja evocação do sentido da palavra não permite que a mesma seja proferida. Contudo, valer-se do eufemismo para com a linguagem é uma das formas de restrição do conteúdo para que este não venha a ser “mal interpretado” e que se alcance o status do politicamente correto. Mesmo que nesse percurso da passagem do tabu para uma outra forma de linguagem, coloquial aconteça erros de transmissão e o sentido possa se reverter causando o disfemismo, pois como afirma Kroll (1984, p. 22), “Ao lado das palavras eufemizantes de estilo culto existem também outras jocosas, irônicas ou cruas que pertencem em grande parte a linguagem popular ou ao calão e que são disfêmicas.”

Casos como estes onde se altera pela palavra o sentido preferido e dado adequado por outro que não case com um ideal harmônico cultuado acabam resultando em um novo vocabulário, passando a ser interpretado como vulgar e mesmo assim sendo utilizado por boa parte do grupo que sentenciam estas expressões disfêmicas mesmo com um teor mais agressivo como populares.

## **2.1 O léxico negro e suas representações**

O número de expressões idiomáticas próprias dos grupos sociais são muitas, as línguas de um só continente podem mobilizar diferentes significados despertados por um só termo, não vindo a ser a palavra responsável por resgatar o tabu, mas a imagem e impressão que ela transmite ou se constrói na mente de quem a recebe, por isso pensar na cor preta ou branca, por exemplo, descontextualizadas, a priori não levariam a nenhum conteúdo de caráter ofensivo, mas considerando a língua sob um viés pragmático, ao se expressar verbalmente, o sujeito está usando as palavras para realizar ações.

Assim, o impacto causal do seu uso e a representação a ser transferida por quem a usa tornam a palavra veículo ou arma, pragmaticamente falando. A esse respeito, Kroll (1984, p. 14) relaciona a palavra negro uma série de significados relacionados direta e indiretamente que podem ativar conteúdo preconceituoso. Para ele, “A borboleta noturna de cor escura, que é de mau presságio, é chamada bruxa, enquanto que a branca é portadora de felicidade, porque,

segundo a crença do povo, traz boas notícias. É por isso que se lhe dá o nome de borboleta nova”.

A cor negra é muito associada à impureza, ao mal, algo oculto, morte, bruxaria e por isso assume um status muito forte na representação das palavras que a compõem, como exemplo temos os termos e expressões: Peste negra (doença transmitida por saliva ou pulgas que tem como sintoma o aparecimento de manchas pretas no corpo), enegrecer (lançar calúnia, difamar alguém), a coisa tá preta (referente a alguma situação de desconforto e perigo), magia negra (associação de atos ritualísticos pejorativo a cor negra), dentre outras inúmeras expressões.

É importante ressaltar que as representações citadas neste texto buscam apontar divergências ou semelhanças que permitem categorizar a cor negra e por conseguinte o sujeito negro em diferentes estereótipos.

Dentro de um contexto de colonização, segregação social e ideal de pureza, observamos a construção de estereótipos que pretendem justificar práticas racistas, por exemplo, e é aí que se criam as crenças. Ao discutir sobre os tipos de tabus, Kroll nos fala sobre os eufemismos de superstições, palavras que substituem outras, cujo conteúdo fora minimizado, porque a enunciação delas pode ser temida e reprimida em casos de repetição, por acreditar que tenham o poder de aproximar-se da coisa ou que a própria venha a surgir, geralmente relacionados a doenças e a morte: “O nome ominoso da morte é também às vezes expresso por um simples pronome que é sempre um eufemismo em potência e serve para evitar a brutalidade do termo próprio” (KROLL;HEINZ,1984, p. 20).

Nessa passagem, os autores mencionam que os pronomes atuam como eufemismos e, além deles, podemos citar também expressões substitutivas, como formas de tratamento e até mesmo os diminutivos, objeto de nossa pesquisa. É importante frisar que a preferência por uma expressão eufêmica considera a crença de que o outro, ou seja, o interlocutor direto ou a platéia de uma interação podem crer que o proferimento de uma determinada palavra seja um tabu e que deve ser reprimido.

Um eufemismo de superstição está intimamente ligado ao que chamamos tabu. Trata-se essencialmente da interdição de falar de determinados seres ou coisas consideradas perigosas porque inspiram temor incluindo-se animais daninhos, doenças perigosas, a morte etc” (KROLL; HEINZ,1984, p.11).

O tabu que circunda a palavra negro, nesta perspectiva, mostra-se pelo temor oculto da ambivalência que esta palavra desperta, porém, ao ser representada como raça e igual a um

ideal de humanidade, não podendo portanto ser associado unicamente a superstições e objetos tomados como tabu, a cor negra passa a ser o próprio tabu pela proibição e pelo recalque, não podendo ser citada sem que se tenha um impasse de poder ou não destiná-la tal qual característica de alguém. Freud, em seus escritos, fragmenta um conceito já deixado por Wundt, que de que o tabu “abrange todos os costumes em que ante se exprime o temor a certos objetos ligados às ideias de culto ou ante às ações que a ela se referem” (WUNDT, apud FREUD, 1912-1914, p. 49).

Infringir o tabu das palavras produz um retorno à ambivalência respectiva a proibição primeira que a colocou como tabu, o desejo de torná-la inconsciente passando a não referir-se a ela pelo nome, mas na forma de eufemismo que não sustenta o instinto de recordá-la sempre que se faça a pronúncia da palavra, ou seja, no ato de reprimi-la desvela o sigilo da coisa tornando-a uma ideia latente pulsional.

Para além da psique do sujeito, a busca por afastar-se da ideia do negro, historicamente, não é própria da linguística, muito menos fruto do desvio da ambivalência suscitada por sua palavra em vias de um ideal de associações, pelas quais se coloca o negro e o mal como próximos. Essa busca parte da hierarquização, de uma inferiorização e um determinismo social, pelo qual o negro, tal qual “selvagem”, não é visto como humano, nem digno de tal status.

No que se refere ao contexto brasileiro, no início de nossa colonização surgiu um movimento com objetivo de higienização do povo brasileiro:

Branqueamento e ascensão social aparecem como sinônimos quando relacionados ao negro. Parece-nos que isso decorre do fato de que essa sociedade dividida em classes se considera, de fato, como um "mundo dos brancos" no qual o negro não deve penetrar (CARDOSO, 2014, p.25).

O negro como corpo ocupa a função e a ideia de outro enquanto o branco se reafirma em sua categoria humano. O negro:

Não é portador de uma ideologia racial definida, mas sim, de uma contra ideologia, ou seja, de uma predisposição para observação dos modelos de organização, de comportamento, de personalidade dos grupos sociais existentes na sociedade inclusiva. Impulsão para absorver padrões de vida dos brancos e através deles definir a posição do negro na estrutura social e as imagens negativas que circulam a seu respeito (FAPES, 197, p. 43).

A narrativa histórica que é peculiar a construção de um segundo estereótipo do negro, que pode ser visto como o outro, o diferente que se instaura cada vez que se lê em separação e distanciamento de um todo real e humano. Todo um pensamento em volta ao antônimo das

palavras é também responsável pela imoralização do dito cujo, bem/mal, branco/preto. O preto é mal porque o branco é bom, as narrativas colonizadoras nos pregam fronteiras de diferenciação entre bem e mal e mesmo não possuindo muitos vínculos comuns a construção da cultura do racismo pode-se fazer algumas pontuações.

O desejo de autoafirmação de um como humano, configura-se através de um parcela sentenciada como infra-humana que se sustentam em uma pirâmide hierárquica onde é dado como certo o reconhecimento de cada grupo dentro seu limites e especificidades, neste entrelaçar das raças em seu todo imponente, o sentido a volta de uma figura em torno do campo outro é improvável e flexível ao passo que um se completa pelo outro e para o outro e sem esta dinâmica ambos não existem em essência, negros e não negros. Tornando-se um ser sem sentido ou é sentido sem ser.

Schiller (1794, p.11) em uma de suas cartas a Körner, está convencido ‘de que todas as divergências surgidas entre nós e outros nós, que de resto somos tão concordes no sentimento e nos princípios, provêm de que estabelecemos um conceito empírico de beleza, o qual todavia não existe.’ Portanto, “O belo não é um conceito de experiência, mas antes um imperativo” (idem). Algo que já foi colocado e dado como verdadeiro por uma certa parcela de indivíduos, estes que hoje ocupam tal status de beleza.

Atualmente, o corpo negro é paradoxal, mobilizando dois estereótipos, ambos estigmatizados. Um desses estereótipos é o da beleza, o “negro bonito” é tratado com eufemismo destinado e associado ao erotismo, o negro - homem, aquele que cumpre com os estigmas padrões próprios a ele, deve portanto, ser bem dotado e promíscuo, “a negra mulher” deve ser magra, alta ter seios e bunda grande - essas categorias estão presentes em comerciais e campanhas de lingerie e em vídeos de teor erótico – ao passo que uma outra parcela dos negros que não atendem estes “padrões” é estereotipada em uma categoria conhecida como subalterna e marginalizada.

Por este motivo, os movimentos políticos e filosóficos surgem com intuito de descolonizar a palavra “negro”, que há muitos já foi alienada e transfigurar a figura do negro que por muito tempo foi classificada como subalterno e de capacidade e inteligência inferiores.

### **3. Metodologia**

Como método deste artigo, priorizou-se pela realização de uma revisão bibliográfica em torno dos campos linguísticos, psicossociais e raciais com fins de produção de uma

experimentação com ênfase nos recursos dispostos a partir da importância da palavra como própria de manifestação ideológica.

Em nossa discussão, privilegiamos estudos sobre a palavra como tabu, sendo ela objeto principal vinculado ao tabu, conceito aqui abordado nas perspectivas teóricas de Freud (1913) e Kroll (1984) com a proibição da palavra como própria das projeções ambivalentes internas e externizadas nos significantes, causando mal-estar em sua pronúncia e por isso incitando a banalização e superstição de tais léxicos nas interações e em comum compartilhamento de problemáticas dentro dos grupos, como o racismo, violência e superstições que se rebelam de forma verbal e através da palavra.

Além disso, realizamos um estudo exploratório e descritivo dos diferentes significados empregados ao léxico “negrinho”, o que nos permitiu compreender quais aspectos sociais, ideológicos e psíquicos podem contribuir para a descaracterização do eufemismo em questão.

#### **4. Quando o eufemismo se torna ofensivo: um pouco do contexto histórico e ideológico**

O eufemismo, como foi discutido acima, se manifesta de diferentes formas, podendo substituir um tabu ou se tornar um tabu. Sendo assim, ele atua como um mecanismo de linguagem que assume um papel importante na cultura de grupos sociais, estando presente não só no vocabulário popular, mas também em situações formais nas quais se é exigido dada preocupação na enunciação.

Os grupos sociais fazem uso do discurso para se representar na sociedade e este discurso é dominado por construções ideológicas que indicam o que é ético, o que é moral e o que difere de seus posicionamentos pode indicar um desvio a conduta aceita no grupo. A ideologia ganha espaço nas características defendidas e apropriadas por todos os indivíduos de um grupo.

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que se manifesta (ou oculta) o desejo; é, também aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta o poder do qual nós queremos apoderar (FOUCAULT, 1971, p.10)

O racismo se formula pela construção da ideia de uma raça superior a outra, esta acepção oculta um segundo significante que por síntese explicaria a construção deste pensamento a partir da classificação e categorização das raças, esse se daria pela hierarquização da ideologia psicossocial de um povo em relação a outro, já instaurada na concepção individual de cada um.

A ideologia das raças, na verdade, é um processo de categorização por região, cultura, estética e linguagem própria de cada povo em questão. Porém sob muitas perspectivas já foi instaurado que o espaço, cor, forma e fonética ocupam uma camada distinta de outras e, portanto, a raça negra assim como a indígena é representada como inferior por ser a negação de uma outra, dita humana e vistas como comum, natural.

A ideologia do branqueamento era, portanto, uma espécie de darwinismo social que apostava na seleção natural em prol da “purificação étnica”, na vitória do elemento branco sobre o negro com vantagem adicional de produzir pelo cruzamento inter-racial, um homem ariano plenamente adaptado as condições brasileiras (BENTO, 2002, p. 16)

A ideologia do branqueamento parte de um objetivo próprio da colonização, cuja estratégia de branquear a população foi mantida como método de purificação racial. No entanto, essa ideologia vem sendo modificada ao decorrer dos anos, “é um tipo de discurso que atribui aos negros o desejo de branquear ou de alcançar os privilégios da branquitude por inveja, imitação e falta de identidade étnica positiva” (BENTO, 2002, p.17).

Falar da ideologia de branqueamento nos dias atuais acaba por deslocar um sentido de (des)apropriação de culturas que torna a figura do mestiço alvo de críticas e questionamentos avaliados por suas ações. Dito isso, uma pessoa que se denomina mestiço por não ser retinto ou branco, diretamente é transferido para um vácuo de questões – como me represento, o que represento, e o que visto, altera a maneira que sou interpretado?

O eufemismo utilizado para citar a cor negra, negrinho, acaba por revelar, mesmo que inconscientemente, uma ideologia de branqueamento (pouco negro, um pouco negro, em termos de adjetivação; e em termos de substantivo, um negro pequeno). Tal ideologia é aceita e predominante em nosso meio social. A forma consagrada de um corpo de cor branca é algo expresso constantemente nas formas e discursos utilizados para introduzir até mesmo um simples diálogo cotidiano.

O uso do sufixo indicador do eufemismo provoca um deslocamento do significante da palavra, cujo objetivo de afastamento da atitude preconceituosa pode indicar, dentro de um contexto político e social atual como o que vivemos hoje, o contrário: a afirmação do preconceito.

Sendo assim, o falante deve manejar, conhecer e adaptar o seu vocabulário para não chegar a ser impolido. Tal consciência lingüística leva-nos a questionar a validade eufêmica em enunciar *negrinho* ou *neguinho* e seus femininos, pois dependendo do contexto, dos falantes, isso seria visto como um insulto ou algo ofensivo. A forma que se escolhe para direcionar a fala, em sua maioria, é o que definirá a respectiva reação. Portanto, a forma como é emitida

deve ser programada e projetada para atender o que o ouvinte quer ou aquilo que esperamos que ele deseja. Mesmo que este não emita um sentimento de confiança em relação à opinião do locutor, porém ao estar em uma interação deve-se ter cuidado com as falhas imprevistas durante o diálogo. Se estas vierem a ser inadequadas, podem carregar um conteúdo impolido velado e, em certas situações, podem ser assimiladas e conceituadas como racismo.

#### **4.1 O lugar de fala e o processo de transgressão e afirmação do eufemismo**

A linguagem é o limiar que constitui a dinâmica humana, dado código de socialização permite que se diferencie grupos por características próprias da linguagem subjetiva de cada um, entretanto não se limitando a uma visão mais geral, é própria também de grupos fechados como comunidades, que se organizam em códigos de ética para manter o bom convívio entre “os iguais”. Estes códigos-leis não podem ser quebrados e se caso forem existem punições aos transgressores.

Nesta perspectiva, o princípio de polidez surge como ferramenta de minimização de um sentimento de inferiorização a partir de uma construção subjetiva derivada de uma hierarquização social já existente e tão naturalizada que, por este motivo, não causa nenhuma impressão negativa a quem se foi destinado o eufemismo.

O fato de uma pessoa ser negra não significa que ela saberá refletir crítica e filosoficamente sobre as consequências do racismo. Inclusive, ela até poderá dizer que nunca sentiu o racismo, que sua vivência não comporta ou que ela nunca passou por isso (RIBEIRO, 2017).

Os fatores que levam ao não reconhecimento de um caso infortuno de racismo contra si próprio, não é incomum, mas em sua maioria por estarem velados com termos ditos mais simpáticos, eufêmicos e pela duplicidade que possuem, passam por despercebido, não podemos encarregar uma certa classe social por ser própria de condutas transgressoras e outra a ser vítimas de tais transgressões muito menos permitir que estas se revertam em um arsenal de preconceitos ideológicos sobre a outra, respectivamente, mas podemos tentar compreender que cada status é singular de cada grupo e suas vivências e perspectivas deverão ser propagadas por seu lugar de fala.

“O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas” (RIBEIRO, 2017, p.69). Por isso, o negro é o próprio exemplo de resistência e se coloca como linguagem a partir do momento que declara “eu sou negro e não assumo os estigmas que a mim

foram empregados”. O campo da representatividade é bem maior quando colocado como referência a construção de um posicionamento crítico junto às políticas afirmativas.

O negro, nesse quesito, também é metalinguagem, pois o negro fala pelo negro. A fala é própria e assume um movimento coletivo, representativo de um total que não é negação, não é impuro, não é mal e não é marginal, esta luta não é pelo reconhecimento como igual, mas pela imposição de outro padrão social.

Dito isto, no que diz respeito à forma de tratamento dentro do espaço coletivo, quando se possui vínculos e valores derivados da afetividade, o eufemismo é aceito e assume o sentido de carinho, como exemplo a expressão “minha neguinha”, utilizado por marido em relação à esposa, enquanto em uma outra situação, na qual não haja vínculos entre os falantes, a expressão “dança pra mim, neguinha” ou “ô mulata linda” se caracterizam como disfêmicas, ofensivas e passam a atuar no campo da impolidez linguística como instrumentos de racismo.

### **Considerações finais**

Esse artigo teve como objetivo analisar como acontece a descaracterização da palavra negro através de eufemismos substitutivos, mais especificamente o que vale ao léxico “neguinho” no transporte da polidez para a impolidez linguística, ou seja, como uma palavra após ser minimizada, com intuito de causar um impacto menos ofensivo e desagradável torna-se a própria ofensa e, além disso, como este mal-estar se efetua dentro de um discurso universal próprio da identidade de um grupo.

Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica com caráter exploratório e descritivo do léxico sobre como as palavras ao serem denominadas tabus não podem ser citadas sem que se quebre o acordo coletivo, assim comprovando que, para não se restringir a fala, o próprio grupo que impõem limites ao campo semântico propõe outros termos substitutivos, signos próprios para a livre interação que minimizem os riscos para evitar o rompimento da harmonia. Os signos disponíveis tendem, em tese, a apresentar o uso da polidez e do eufemismo como ferramentas de deslocamento de uma unidade central fora dos padrões éticos que a palavra tabuística desperta.

Portanto, o eufemismo sob essa ótica pode ser colocado também como uma forma de deslocamento, de um despertar impuro e de uma sentença que não queira se valer, cabendo

ressaltar que a forma como se organiza o pré-discurso compõe toda uma descrição para com as palavras e suas possíveis assimilações.

Sob essa perspectiva, temos por revelado que o eufemismo não passa da restrição de certas construções de tabu, que não podem ser quebradas e que por meio de distorções da fala podem ser citadas sem interferência direta ao totem. A palavra não entra em discussão e por isso não é questionada em seu campo semântico.

No entanto, com a ascensão política, social e ideológica de determinados grupos, como os negros, que possuem uma história de luta contra o racismo, o uso do eufemismo e palavras substitutivas acabam por reafirmar o racismo e a representação estigmatizada desse grupo. Em atrito com outros grupos que não compartilham das mesmas ideologias, estas expressões e léxicos podem sim ser colocadas em questão e atenuar algumas situações problemáticas no entorno do real sentido da palavra e por quais motivos ela é ocultada.

Para um manejo menos ofensivo do termo é preciso que os falantes compreendam que as relações sociais estão intimamente ligadas a uma construção ideológica total que implica diretamente nos indivíduos que compartilham de um grupo. Esta ideologia constrói um não singular, mas um plural conhecimento popular no qual é transferido as palavras em seus significantes. Não podendo ser constatados através de conceitos empíricos, mas adquirindo veracidade a partir de seu compartilhamento nas interações, os tabus colocados nas palavras se efetua através de seu deslocamento a outros termos que, com mesmo significado, constroem uma nova interpretação não fazendo retornar ao que não quer ser retornado, a ambivalência da palavra.

Neste artigo, propomos que a palavra “negro”, ora vista como agressiva, é atenuada por seus diminutivos, respectivos eufêmicos, mas a atenuação pode ser vista como intensificação ou reafirmação ofensiva. Por isso, para falar de polidez é preciso, antes de tudo, compreender as relações entre os grupos, dos valores propostos ao direcionamento e sentenças populares compartilhadas como identitária de seus próprios reconhecimento e como este interfere nas relações de representação e adesão de um discurso próprio, nos fazendo indagar se ele se estruturalizam em uma corrente filosófica própria e individual ou se parte um novo posicionamento de um novo grupo específico e com suas próprias novas vertentes.

Este trabalho, apesar de trazer uma abordagem interdisciplinar, não é suficiente para dar conta de todas as questões que decorrem da relação entre eufemismo, (im)polidez e racismo. Acreditamos que uma pesquisa empírica pode complementar, no futuro, esta investigação, contribuindo significativamente para a compreensão sobre como os conceitos até aqui citados são apropriados pelos sujeitos de diferentes raças.

## Referências

GOFFMAN, ERVING, **A representação do eu na vida cotidiano**; tradução de Maria Cecilia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes.1985.

BENTO, S. A. M. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**; tradução de Iray Carone, 6.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PAIVA, G. M. F. **Introdução aos Estudos de (Im)Polidez Linguística**. Fortaleza: Centro Universitário Estácio do Ceará, 2016.

GOFFMAN, E. **Estigma-notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Mathias Lambert,1891.

BENTO, M. R. S. **psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. 5. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças:cientistas, instituições e questões racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

FREUD, S.. **Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos**. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

ALMEIDA, L. **Aspectos semânticos-lexicais dos tabus linguísticos em atlas linguísticos estaduais**. Revista USP. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/36768/39490>>. Acesso em 20 jan. 2018.

KROLL, H. **O eufemismo e o disfemismo no português moderno**1.ed – Portugal: biblioteca breve, volume 84, 1984.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso** 5.ed- São Paulo: edições Loyola, 1999.

Acesso

em:<<file:///C:/Users/Joelma%20Alves/Downloads/FOUCAULT,%20Michel.%20A%20ordem%20do%20discurso.pdf>>. Acesso em 20 jan. 2018.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo horizonte: Editora letramento, 2017.